

NA COMPANHIA DAS PLANTAS: OUTROS MODOS FAZER EDUCAÇÃO AMBIENTAL¹

Jônatas Sgarzi Coimbra Silva², Ana Maria Hoepers Preve³.

¹ Vinculado ao projeto “Cartografias intensivas em educação: outros modos de fazer para outras geografias”

² Acadêmico do Curso de Geografia – FAED – Bolsista PROBIC/UDESC.

³ Orientadora, Departamento de Geografia – FAED – anamariapreve@gmail.com

A ideia de iniciar uma pesquisa é geralmente percebida como algo muito desafiador e inovador. Mas em que medida se desafia ou se inova? Quando se pensa em um tema de pesquisa, inevitavelmente nos vem à mente investigações já realizadas e autores lidos sobre o assunto e quiçá até uma opinião que já está formada em nós. Em uma pesquisa cartográfica é necessário conhecer os clichês e depois ‘limpá-los’ a partir do que já está escrito-falado-internalizado sobre o que se pretende pesquisar. Este relato é uma tentativa de apresentar a pesquisa pela via da cartografia, em que há sempre tentativas e nunca certezas. A cartografia neste trabalho é entendida como uma forma de acompanhar processos. Para Kastrup e Barros (2009, p. 76) “a cartografia é um procedimento *ah hoc*, a ser construído caso a caso [...]” Assim, dizemos que a cartografia não é algo que se aplica, mas que se pratica. A presente pesquisa vinculada ao projeto “*Cartografias intensivas em educação: outros modos de fazer para outras geografias*” teve por objetivo a prática de estudos de autores e autoras que referenciam uma outra postura filosófica em relação ao mundo, a natureza, a educação e, neste caso, a educação ambiental para, no segundo momento, propor a realização de práticas que ancorassem tais referências. Neste resumo apresentarei aspectos das práticas de estudos realizadas na duração da bolsa. No decorrer da pesquisa estudamos o livro de Ailton Krenak (2023) “Um rio, um pássaro”, onde o autor nos convida a refletir sobre a postura da nossa sociedade diante da natureza. A princípio, a postura hegemônica é de afastamento, onde a natureza é compreendida enquanto um recurso a serviço de nossas vontades. Porém, Krenak (2023), nos convoca a se *envolver* com a natureza, trazendo a ideia de natureza viva, onde é preciso cuidar da Terra para podermos partilhar o espaço. Mas como nos envolver com a natureza em um mundo cada vez mais virtual e que prega sucessivas separações? É nessa perspectiva que a professora Ana Maria H. Preve trouxe a proposta de praticar um estudo que era o acompanhamento de uma planta ao longo da disciplina de Educação Ambiental. Este acompanhamento consistiu em cuidar, observar e relatar as descobertas oriundas do convívio com a planta por cada um dos alunos que frequentavam a disciplina. Embora tal experimento parecesse simplório, com o passar dos dias se mostrou uma poderosa ferramenta de aprendizagem e reflexão. Ao cuidar de uma planta, além de ser possível perceber os processos naturais envolvidos em seu desenvolvimento, também é possível estabelecer uma conexão de afeto com ela. Assim, tal conexão nos permite compreender a planta não como um mero objeto, mas sim como um organismo vivo que está em constante interação com o meio que habita. A partir desta descoberta podemos compreender a natureza de outra forma, não mais como um recurso a ser explorado, mas sim como uma entidade que sustenta toda a vida na Terra. Ao longo da pesquisa ainda participamos de uma oficina de estudos intitulada “Rios invisíveis”, ministrada por uma doutoranda também vinculada ao projeto. A oficina ocorreu em uma série de encontros, primeiramente em sala de aula, onde debatemos e refletimos sobre os

rios que habitam o espaço urbano e, posteriormente em aula de campo, onde percorremos ao longo das margens dos rios que compõem a bacia do Itacurubi para realizarmos várias fotografias de longa exposição. Esta oficina foi um convite à quebra de paradigmas, onde pudemos repensar a forma com que a nossa sociedade lida com a natureza em espaços urbanos, uma natureza que é constantemente invisibilizada e negligenciada. Tanto esta oficina como o acompanhamento da planta propiciaram uma mudança na forma com que vemos e nos relacionamos com a natureza, e esta mudança é essencial para o afloramento de uma consciência ambiental capaz de transformar o nosso modo de vida e proporcionar a defesa do meio ambiente, algo que é tão caro à Educação Ambiental. Portanto, consideramos que o convívio com outras espécies possui grande potencial para o envolvimento com práticas educativas em Educação Ambiental. Neste contato com a pesquisa da professora tive a oportunidade de refletir sobre o sentido de aprendizagem que se dá em aliança com os seres, observando, experimentando *in loco*, indo ao encontro de saberes de experiências, conforme defendido pelo professor Jorge Larrosa (2002). Quais movimentos são necessários para que uma pesquisa cartográfica aconteça e para que os leitores percebam a força do deslocamento de uma pesquisa? O cartógrafo não tem como objetivo explicar ou revelar algo a alguém (RONILK, 2016). Assim, não se pretende revelar uma forma de pesquisa, ou explicar um método ou metodologia, mas ativar uma experimentação acerca das necessidades de pensar e observar os clichês que estão ativos em nós antes de iniciar uma pesquisa. De maneira precária, porque minha passagem por esse projeto foi breve, posso apresentar como conclusão que a marca desta pesquisa foi a de produzir um deslocamento em relação aos modos de fazer consolidados em educação ambiental em suas imagens clichês. Tais deslocamentos só são possíveis desde que se pratique o estudar como ato político de ir ao encontro de alguma coisa de interesse vivo. *Me senti vivo* acompanhando uma planta, seguindo um rio, acompanhando minha professora orientadora, estudando, escrevendo, estudando autores que davam vivacidade e, portanto, subsidiavam teoricamente a experiência em curso no projeto. Me senti vivo porque, além de estar envolvido por essa maneira de praticar a pesquisa, pude também concluir minha graduação em Geografia. Por fim, como nos diz Larrosa (2002, p.2) “*a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca*. E, desde essa afirmação, posso dizer que fui tocado por esse outro modo de fazer em Geografia na sua interface com a Educação Ambiental.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Práticas de estudo. Pesquisa cartográfica.